

NAGUIB MAHFOUZ

O PALÁCIO DO DESEJO

(TRILOGIA DO CAIRO, VOL. II)

TRADUZIDO DO ÁRABE (EGIPTO) POR
BADR HASSANEIN



1

O *sayyed*⁽¹⁾ Ahmad Abdel Gawwad fechou a porta de casa atrás de si e, com passos vagarosos e débeis, atravessou o pátio sob a claridade frouxa das estrelas, cravando a ponta da sua bengala na terra poeirenta sempre que nela se apoiava.

O calor asfixiante ardia-lhe no peito e fazia-o suspirar pela água fresca com que lavaria o rosto, a cabeça e o pescoço para atenuar, ainda que por pouco tempo, o calor tórrido de Julho e a canícula que lhe abrasava as entranhas e a cabeça. A ideia da água alegrou-o tanto que alisou os traços do seu semblante. Quando atingiu a porta das escadas, lobrigou a luz pálida que do patamar incidia e resvalava ao longo das paredes, acompanhando os movimentos da mão delicada que segurava o candeeiro. Subiu as escadas com uma mão apoiada no corrimão e outra na bengala, cuja ponta fazia ressoar, numa cadência regular, com baques que com o tempo haviam adquirido um ritmo tão peculiar que o tornara identificável, à semelhança de qualquer outro traço do seu rosto.

Ao cimo das escadas surgiu Amina, com o candeeiro na mão.

Mal se lhe juntou, estacou com o peito anelante, de forma a recobrir o fôlego, depois cumprimentou-a, como fazia todas as noites, dizendo-lhe:

— Boa-noite...

⁽¹⁾ Significa «senhor», «patrão», título que em geral antecede o nome próprio. (N.T.)
[salvo indicação em contrário, todas as notas que se seguem são do tradutor]

— Boa-noite, meu senhor! — respondeu Amina num sussurro, enquanto o precedia com o candeeiro.

No quarto, atirou-se para o sofá e ali se deixou afundar. Depois livrou-se da bengala, retirou o fez e apoiou a cabeça na almofada, esticando as pernas de tal modo que a *gubba*⁽²⁾ destapou o cafetão e este, por sua vez, pôs a descoberto as ceroulas enfiadas nas meias. Fechou os olhos, enquanto, com o lenço, enxugava a fronte, as faces e o pescoço. Amina, entretantes, pousara o candeeiro na mesa pequena, depois imobilizara-se, aguardando que ele se erguesse para ajudá-lo a despir-se.

Olhava-o com uma atenção mesclada de angústia: almejava ter a coragem de lhe rogar que se poupasse àquela sua obstinação em transitar de um serão para outro, agora que ele não podia continuar a descurar a sua saúde, como se acostumara no passado.

Mas não sabia como exprimir os seus pensamentos angustiados! Volveram alguns minutos antes que ele descerrasse de novo os olhos, após o que desprendeu o relógio de ouro do cafetão, retirou o anel de diamante e colocou-os dentro do fez e ergueu-se para tirar a *gubba* e o cafetão com o auxílio de Amina.

O seu corpo estava lá, idêntico ao que sempre fora: grande, largo e cheio... salvo uns fios de cabelo encanecidos aqui e ali disseminados nas suas têmporas. Ao enfiar a cabeça na camisa de dormir branca, foi tomado por uma súbita vontade de sorrir. Com efeito, recordara-se de como o *sayyed* Ali Abder Rahim desatera a vomitar, naquela mesma noite, durante o serão, e como para se desculpar daquela fraqueza avançara como causa um ataque de frio no estômago e como, por fim, os presentes haviam começado propositadamente a atirar-lhe à cara, sem papas na língua, que já não aguentava a bebida e que não era dado a todos conviver com o vinho até ao fim dos seus dias... etc... etc.

E recordou outrossim como o *sayyed* Ali Abder Rahim se encolerizara e esforçara por apartar de si uma tal suspeição. Que estranho! Seria necessário dar tamanha relevância a coisas tão vãs? Mas ora, se assim não era, por que motivo ele próprio se havia vangloriado, entre o alvoroço das vozes e dos risos, de conseguir esvaziar uma taberna inteira sem o seu estômago se queixar?

(²) Longa túnica usada pelos homens, aberta à frente e com mangas largas.

Sentou-se novamente no sofá e estirou as pernas em direcção à mulher, que lhe retirou sapatos e meias e saiu por instantes do aposento para regressar com a bacia e o jarro, e começar a verter-lhe a água para que lavasse a cabeça, o rosto e o pescoço e gargarejasse. Por fim, o homem foi sentar-se de pernas cruzadas sobre o seu sofá, expondo-se à brisa que suavemente corria pela *machrabiyya*⁽³⁾ da janela que dava para o pátio.

— Que Verão horrível este ano!

— Alá seja benevolente connosco! — exclamou Amina, tirando o colchão de debaixo da cama e instalando-se também ela de pernas cruzadas junto aos pés do marido. Depois, num suspiro: — Se faz calor lá fora, imagine na sala do forno... O terraço, é só no terraço que no Verão se pode respirar depois do pôr-do-sol!

Sentada no colchão, parecia diferente do que sempre fora. Emagrecera, o rosto alongara-se-lhe, ou talvez parecesse mais comprido do que na realidade era devido à magreza das faces e aos cabelos brancos semeados por entre as madeixas que haviam escapado do lenço que costumava trazer na cabeça e que lhe davam um ar mais envelhecido. O sinal que tinha na face era agora um pouco maior, enquanto os olhos exprimiam – além daquele olhar de submissão que nunca a abandonara – uma espécie de hábito mesclado de tristeza. Como fora dramática a sua confusão ao ver operar-se em si tal transformação! Se, de início, a havia acolhido como um consolo, rapidamente viera a interrogar-se com angústia se não deveria pensar um pouco na sua própria saúde enquanto lhe restava vida. Sem dúvida! Também os outros precisavam que ela estivesse de boa saúde, mas de que modo restituir as coisas como outrora haviam sido?! Sim, tinha os seus anos... mas talvez não tantos para justificar tal transformação... no entanto, a idade deixara a sua marca: não havia dúvida alguma.

Era assim que, noite após noite, ficava colada à *machrabiyya*, observando a rua por trás dos orifícios. E via uma rua que não se modificava, mas ela sim... a metamorfose marcara-a de forma irrevogável e estreitara-a nas suas espirais... No café souu a voz do empregado que

⁽³⁾ Varanda cercada por um gradeamento fechado de madeira que permite ver sem ser visto do exterior.

voou até ao aposento silente, qual eco, e ela sorriu enquanto às ocultas olhava para o *sayyed*.

O que teria de mais precioso para lá daquela rua, que, noite após noite, lhe vivia falando ao coração... amiga ignorante do seu coração que a amava por trás dos orifícios da *machrabiyya*... preenchia a sua mente de mulher, cujos companheiros de vigília eram aquelas vozes alegres que lhe ecoavam nos ouvidos... aquele empregado que nunca se calava... aquele homem com uma voz roufenha que incessante e incansavelmente comentava os factos do dia... e aqueloutro com uma voz nervosa que tentava pescar o «sete» ou o «valete»... e o pai de Haniyya, a menina com tosse convulsa, que, noite após noite, respondia a quem lhe perguntava pela filha: «A cura está nas mãos de Alá!» Ah! A *machrabiyya* era um recanto do café somente por ela frequentado. As lembranças da rua desfilavam na sua imaginação com contornos nítidos, por trás dos olhos fixos naquela cabeça poisada sobre a almofada do sofá. Assim que aquele fluxo de pensamentos cessou, a sua atenção foi atraída pelo homem e, então, discerniu-lhe nos lados do rosto uma intensa vermelhidão que já por diversas vezes notara nas últimas noites. Não a deixava sossegar, pelo que lhe perguntou, com apreensão:

— Sente-se bem, meu senhor...?

— Estou bem, graças a Alá! — respondeu ele, num tom áspero, após ter erguido a cabeça. Depois, retomou: — Que mau ar se respira hoje!!

«O licor de passas é a melhor bebida alcoólica de Verão.» Assim lho haviam dito e repetido, mas ele não o tolerava. O *whisky* ou nada! E, por isso, todas as noites, devia sofrer, contrafeito, os efeitos perniciosos de uma bebedeira de Verão – de um Verão terrível. O que ele não rira naquela noite... Sim, rira tanto que as veias do pescoço lhe doíam. Mas porque rira ele? Não se recordava praticamente de nada, aliás nada havia para contar ou repetir, mas o ambiente da reunião estivera sobrecarregado com uma aprazível electricidade, o menor contacto provocava uma centelha, pelo que, quando o *sayyed* Ibrahim el-Far deixara escapar: «Alexandria deixou hoje o porto de Saad⁽⁴⁾ rumo

(⁴) Saad Zaghlul (1859-1927), político egípcio que lutou pela independência do Egipto. Depois de dirigir o Wafd, tornou-se primeiro-ministro, entre Janeiro de 1924 e Novembro do mesmo ano.

a Paris», em vez de dizer «Saad deixou hoje o porto de Alexandria rumo a Paris», todos haviam rebentado numa gargalhada e aquela saída passara a fazer parte das «pérolas» relacionadas com a bebida, e haviam-no acochado dizendo: «Ficará presente nos trabalhos de negociação o tempo de recuperar a saúde, depois levantará ferro com o convite para responder a Londres que recebeu de...», ou ainda: «Obterá da independência o seu acordo sobre Ramsey MacDonald», e ainda: «Voltará trazendo o Egito para a independência», e puseram-se a falar da negociação aguardada e a comentá-la com ditos espirituosos ao gosto deles.

Na verdade, o universo dos amigos, não obstante a sua vastidão, reduzia-se a três: Muhammad Iffat, Ali Abder Rahim e Ibrahim el-Far... Poderia alguma vez imaginar que o mundo sem eles pudesse existir?! A alegria genuína que iluminava os seus rostos ao vê-lo dava-lhe uma felicidade sem igual... Os seus olhos sonhadores cruzaram-se com os olhos curiosos de Amina, que lhe lembraram algo de importante, e disse:

— Amanhã...

— Como poderia esquecer-lo! — respondeu ela com um sorriso que se lhe espalhava pelo rosto.

— Disseram-me — replicou ele com uma ponta de orgulho que não tentou dissimular — que os resultados dos exames do liceu foram péssimos este ano...

— Que Alá satisfaça os propósitos do nosso filho Kamal! — respondeu-lhe, compartilhando o seu orgulho, mas sem perder o sorriso — e nos faça viver para o vemos diplomado.

— Estiveste em es-Sukkariyya hoje? — prosseguiu o *sayyed*.

— Sim... Convidei-os todos... e todos eles virão, com excepção da dona da casa, que se escusou alegando estar cansada. Todavia, disse que os seus dois filhos felicitariam Kamal em seu nome.

Apontando com o queixo na direcção da *gubba*, o *sayyed* prosseguiu:

— Hoje o xeque Metwalli Abdes Samad veio trazer-me amuletos para os filhos de Khadiga e de Aisha. Rezou por mim, dizendo: «Alá queira que eu faça amuletos para os teus netos!»

Depois sacudiu a cabeça e sorriu:

— Nada é impossível a Alá! Olha para o xeque Metwalli, olha para ele... é rijo como o ferro apesar dos seus oitenta anos!...

— Alá lhe dê saúde e força!

Ponderou longamente, contando pelos dedos, e depois voltou:

— Se o meu pai... Alá tenha misericórdia da sua alma!... ainda fosse vivo, não seria muito mais velho do que o xeque ...

— Alá tenha misericórdia dos mortos...

O silêncio dominou até se dissipar a impressão que a lembrança «dos mortos» neles havia provocado. Depois, com o tom de quem recorda algo importante, o nosso homem afirmou:

— Zainab ficou noiva!

Amina arregalou os olhos e, levantando a cabeça, disse:

— A sério?!

— Sim, foi Muhammad Iffat quem mo disse esta noite!

— Com quem?

— Um funcionário chamado Muhammad Hassan, director dos Arquivos do Ministério da Instrução Pública.

— Mas então já é velho? — perguntou ela, consternada.

— De forma alguma! — protestou. — Anda pelos quarenta... trinta e cinco ou trinta e seis talvez... quarenta no máximo!

Depois, com um tom irónico:

— Zainab tentou a sua sorte com os jovens, mas fracassou. E quando digo «jovens», estou a referir-me aos que não são motivo de orgulho. Por isso, agora tenta a sorte com homens providos de razão!

— Yassin teria sido melhor para ela! — replicou Amina, lastimosa.
— Pelo menos, para bem do filho deles.

Esta era também a opinião do *sayyed*. Havia-a defendido longamente junto do *sayyed* Muhammad Iffat. Todavia, não deixou transparecer que partilhava o ponto de vista da esposa, para manter oculto o fracasso da sua tentativa. Por conseguinte, disse, irritado:

— Aquele homem já não tem confiança nele e na verdade ele não merece nenhuma confiança. Assim sendo, não o pressionei, não quis tirar proveito da nossa amizade para induzi-lo a fazer coisas que não teriam trazido nada de bom...

— Não deveria ser tão difícil perdoar um erro de juventude! — sussurrou Amina com uma certa piedade.

Nisso, o *sayyed* não hesitou em reconhecer que parte da sua tentativa fora em vão, e declarou:

— Não poupei esforços na defesa dos direitos de Yassin, mas achei-me perante um muro intransponível. Muhammad Iffat não cessava

de me suplicar com insistência, dizendo: «A principal razão pela qual tento fazer com que entendas a minha intransigência é o receio que tenho de expor a nossa amizade à ruptura». E afirmou também: «Não te posso recusar nada, mas para mim a nossa amizade vale mais do que o teu insistente pedido...» E assim, tive de me calar...

Sim, era exactamente o que Muhammad Iffat dissera e, no entanto, agira de forma tão aberta com o único propósito de repelir a sua insistência. Na verdade, o *sayyed* desejava muito consolidar os laços de parentesco com Muhammad Iffat, tanto por si mesmo como pelo prestígio da sua família. Não contava encontrar para Yassin melhor esposa que Zainab, mas não lhe restava outra alternativa a não ser render-se à derrota, sobretudo depois de o homem lhe haver confessado, sem meias-medidas, o que sabia da vida privada de Yassin, ao ponto de chegar a afirmar: «E não me venhas dizer que não existe diferença entre nós e Yassin. Na verdade, somos de certo modo diferentes. Seja como for, não aceitarei para Zainab aquilo que aceitei para a sua mãe!»

— Diga-me: Yassin sabe o que está a acontecer? — perguntou Amina.

— Sabê-lo-á amanhã ou depois de amanhã. Julgas que está preocupado? Seria a última pessoa a dar importância a uma união respeitável.

Amina sacudiu a cabeça desconsolada, depois perguntou:

— E Ridwan?

— Ficarà com o avô — replicou o *sayyed*, sombrio — ou juntar-se-á à mãe se não conseguir suportar a separação. Que Alá desorientou quem o desorientou!

— Pobre pequeno, meu Deus!... A mãe de um lado... e o pai do outro. E Zainab suportará ficar separada do filho?

— A necessidade tem leis que lhe são próprias — sentenciou o *sayyed*. Depois, interrogando-se: — Quando se tornará maior de idade? Sabe-lo, tu?

Amina reflectiu por uns instantes, depois respondeu:

— É um pouco mais novo que Naima, a filha de Aisha, e um pouco mais velho que Abdel Munim, o filho de Khadiga. Deve ter uns cinco anos, meu senhor. Dentro de dois anos, o pai reavê-lo-á, não é, meu senhor?

— Quem viverá, verá — replicou o *sayyed*, a bocejar. Depois, mudando de assunto: — Já foi casado!... Quero dizer, o novo marido!